

VIA TEOLÓGICA

Volume 24 – Número 47 – jun. / 2023

ISSN 2526-4303 (ON LINE)

ARTIGO

SOFRIMENTO E SATISFAÇÃO: POSSIBILIDADE DE COMPATIBILIDADE A PARTIR DO CRISTIANISMO

*Dr. Vanderlei Alberto Schach
Eduarda Scholz Tomasi*



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons. Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

SOFRIMENTO E SATISFAÇÃO: POSSIBILIDADE DE COMPATIBILIDA- DE A PARTIR DO CRISTIANISMO

SUFFERING AND SATISFACTION: POSSIBILITY
OF COMPATIBILITY FROM CHRISTIANITY

*Dr. Vanderlei Alberto Schach¹
Eduarda Scholz Tomasi²*

-
- 1 Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira (na qual é professor desde 2005), Mestre em Novo Testamento e doutor em Teologia Prática pela Escola Superior de Teologia e membro do colegiado de pastores da Primeira Igreja Batista de Ijuí. E-mail: vanderleischach@yahoo.com.br
 - 2 Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. E-mail: dudadscholz@gmail.com

RESUMO

O anseio por uma satisfação plena é algo que atinge a todas as pessoas. É fato também que o sofrimento existe e que cada pessoa enfrenta suas adversidades ao longo da vida. Por isso, o presente artigo buscou compreender como a Bíblia aborda os temas de felicidade e sofrimento e como é possível manter-se contente diante dos momentos difíceis. Primeiramente, foi abordado o assunto felicidade e defendido que ele não é apenas um mandamento para o cristão, mas também uma forma de adorar a Deus. Depois, foi debatida a realidade do sofrimento e a importância de manter-se confiante na soberania de Deus e manter-se contente sem desanimar, esperançoso nas lições que Ele trará e também na esperança de seu fim.

Palavras-chave: Alegria. Contentamento. Dor. Sofrimento. Deus.

ABSTRACT

The desire for full satisfaction is something that affects everyone. It is also a fact that suffering exists and that each person faces their adversities throughout life. Therefore, this article sought to understand how the Bible addresses the themes of happiness and suffering and how it is possible to remain content in the face of difficult times. First, it was satisfactory on the subject of happiness and argued that it is not only a commandment for the Christian, but also a way of worshipping God. Then there was a discussion about the reality of suffering and the importance of remaining confident in God's authority and remaining content without becoming discouraged, hopeful of the lessons it inspires and also hopeful of its end.

Keywords: Happiness. Contentment. Pain. Suffering. God.

INTRODUÇÃO

A busca pela felicidade é natural e real na vida de todas as pessoas. Porém, o ser humano pós-moderno distorceu esse tema. Para ele, a felicidade se dá por satisfações momentâneas e uma vida sem nenhum tipo de adversidade. Assim, não há mais aceitação de circunstâncias que podem levar ao sofrimento e à dor, nem uma busca pelo enfrentamento do mesmo. Neste artigo, embora de forma breve, será abordado esse dilema, apontando para textos bíblicos que podem trazer à tona a possibilidade de compatibilidade entre sofrimento e satisfação a partir de princípios cristãos.

Ao buscar viver dentro da vontade de Deus, o ser humano encontra a verdadeira alegria, mesmo nos momentos de sofrimento que são reais e presentes na vida de todos, inclusive do cristão. No primeiro ponto será abordada a felicidade da perspectiva cristã e o benefício do aprendizado bíblico para entendimento da vontade de Deus para o ser humano. Já no segundo tópico, o assunto será o sofrimento, o porquê de ele existir e como é possível conciliar a dor, mantendo a fé em Deus e tendo contentamento diante das tribulações.

Serão usados também alguns breves exemplos que podem servir como modelo para ajudar cristãos a enfrentarem as dificuldades, como a angústia do Senhor Jesus antes de sua crucificação, a visão de Paulo e a maneira como ele lidava com a tribulação; por fim, também será descrita a experiência de sofrimento de Elizabeth Elliot e sua reação a partir da fé em Deus. Entre as referências do artigo se destacam os autores: John Piper, Timothy Keller e Nancy Wilson, além do uso da Bíblia como norteadora da pesquisa.³

3 Nova Versão Internacional da Bíblia para a pesquisa (2017).

I. A VONTADE DIVINA COMO POSSIBILIDADE PARA A ALEGRIA HUMANA

Ao contrário do que muitos cristãos pensam, a Palavra de Deus trata a busca por alegria como algo natural do ser humano. Por isso, neste primeiro ponto será dissertado sobre a verdadeira alegria e como ela deve ser buscada pelos cristãos. Será defendido que ela é encontrada apenas na realização da vontade soberana de Deus.

I.1 A ALEGRIA EM DEUS COMO FORMA DE OBEDIÊNCIA E ADORAÇÃO

A alegria é uma das principais características de um cristão. E esse tema permeia toda a Bíblia, tanto no Antigo como no Novo Testamento existem textos claros a respeito da alegria em Deus (FERNANDO, 2009). Ao estudar o assunto, pode-se perceber que o prazer cristão não é apenas uma consequência de se viver na vontade de Deus, mas também é um ato de obediência ao Senhor. A alegria na Bíblia é algo mais profundo do que apenas o sentimento bom por alguma coisa. Ao orientar que os cristãos se alegrem em todos os momentos (Fp 4.4), Keller afirma que Paulo não está tentando fazer com que todos se sintam felizes sempre, pois isso é uma emoção que não se pode induzir alguém a sentir. Na verdade, o mesmo autor define a alegria como “entesourar algo, estimar o valor que ele tem para você, refletir sobre sua beleza e importância até o coração descansar nele e saborear sua doçura. ‘Alegrar-se’ é um modo de adorar a Deus” (KELLER, 2018, p. 182).

Piper (2009) chama essa alegria em Jesus de “prazer cristão” e defende ser um estilo de vida baseado nas Escrituras, pelo fato de ser um tema encontrado em toda a Escritura. Ele cita várias passagens para embasar sua ideia, como os Salmos, que repetem diversas vezes que a fonte de prazer é o Senhor.

No Salmo 43.4 lê-se: “então irei ao altar de Deus, a Deus, a fonte da minha plena alegria”. Paulo, mesmo entristecido estava sempre alegre (2Co 6.10). Já Tiago diz que deve-se considerar motivo de alegria passar por provações (Tg 1.2). Ele lembra que em 1 Pedro 4.13 diz: “Mas alegrem-se à medida que participam dos sofrimentos de Cristo, para que também, quando a sua glória for revelada, vocês exultem com grande alegria”. Nesse sentido, o autor mostra a importância que o tema tem para a Palavra de Deus e, ainda, cita Jonathan Edwards, afirmando que “a felicidade da criatura consiste em regozijar-se em Deus, através de quem Deus também é magnificado e exaltado” (PIPER, 2009, p. 16).

Piper aponta para algumas convicções em que se baseia o prazer cristão. Primeiramente, ele não trata essa busca pela felicidade como algo ruim ou pecaminoso. Para ele, o anseio por ser feliz é natural do ser humano. A questão é em que ou quem tentamos suprir essa necessidade. Ele afirma que a única fonte de plena satisfação e felicidade profunda e permanente é Deus, não aquilo que Ele pode ou não dar ao ser humano, mas o próprio ser de Deus. Isso é essencial para o cumprimento do principal propósito do ser humano: a glorificação e exaltação do Senhor. Sem a plena alegria e satisfação nEle, deixamos de honrá-lo e não conseguimos seguir seu mandamento de amar o próximo (PIPER, 2008).

Citando C. S. Lewis, Piper (2009, p. 17) afirma que é um dever do cristão que “todos sejam tão felizes quanto possível”. Ao responder a possíveis dúvidas sobre por que o ser humano fora criado, Piper cita Edwards, dizendo: “Deus é glorificado não somente por Sua Glória ser contemplada, mas pelo regozijar-se nela”. O que ele defende nesse ponto é que Deus criou e salvou o ser humano e tudo o que existe para a sua própria glória. Mas para que isso seja feito de fato, as pessoas precisam aprender a regozijar-se, ou seja, alegrar-se em Deus. “Deus é mais glorificado em nós quando estamos satisfeitos nele” (PIPER, 2009, p. 22).

A partir do momento em que o cristão entende a importância de buscar a felicidade e o contentamento em Deus, é hora de colocar isso em prática na sua vida. Sendo assim, ele precisa parar de murmurar e buscar a satisfação em outros lugares e se voltar para o que a Palavra de Deus orienta. O cristianismo é uma religião prática, depois de se crer, é necessário que haja mudança em todas as áreas, inclusive na busca pelo contentamento em Deus (WILSON, 2018, p. 73).

Ao contrário do que normalmente se pensa sobre ser uma pessoa contente e feliz, isso não é apenas uma predisposição ao contentamento. O pensamento de que alguns conseguem ver a beleza na vida e outros não ou, ainda, de que isso depende da situação pela qual está passando. A verdade é que o contentamento faz parte da vida cristã e para adquiri-lo é necessário empenho e disciplina, é algo que se aprende e desenvolve durante a caminhada. Em Filipenses 4.11-13, Paulo diz que aprendeu a viver contente. Ele não disse que nasceu dessa maneira, mas que Deus lhe deu oportunidade para desenvolver essa marcante característica em sua vida (WILSON, 2018). A pergunta é: como ele conseguiu viver dessa forma? O apóstolo entendeu que conseguiria passar por todas as situações com Cristo. “Tudo posso naquele que me fortalece” (Fp 4.13) é a sua afirmação (WILSON, 2018).

A definição que Wilson (2018, p. 13) dá para contentamento é bastante simples. Ela afirma que nada mais é do que “uma profunda satisfação na vontade de Deus”. A consciência de que Deus é dono de tudo e é justo ao dar conforme lhe agrada é a forma como uma pessoa pode ficar feliz e satisfeito nEle. Mas isso só é possível enquanto se cresce em conhecimento e entendimento de quem Ele é. Horton (2003) ressalta que Deus é Rei, mas também é Pai. Ele não apenas ordena que seus servos sejam alegres, mas dá motivos para isso. Satisfazer-se na vontade de Deus exige submissão e amor a Ele. É o morrer para si, tomar a cruz e segui-lo que Jesus fala em Mateus 16.24, ou seja, o con-

tentamento em Deus vem a partir do momento em que o cristão vive uma vida cristã consciente e obediente (WILSON, 2018). Para Keller (2018), essa alegria se dá quando o cristão consegue trocar os ídolos do seu coração, buscando amar a Cristo ainda mais que as outras coisas.

1.2 BUSCANDO E ENTENDENDO CORRETAMENTE A VONTADE DE DEUS

É muito fácil para o cristão tentar direcionar a sua existência para os desejos e as vontades próprias, sem entender que o verdadeiro sentido da vida consiste em voltar-se para o criador da vida e tentar compreender e cumprir a Sua vontade. Kunz (2020) defende que tudo começa em Deus, ou seja, o ser humano existe por Ele e para Ele. Sem a compreensão disso, a vida se torna sem sentido. “Em termos de vontade de Deus, a questão sempre será Ele e não nós, pois Ele derramou seu amor sobre nós desde a nossa concepção e criação” (KUNZ, 2020, p. 34). No entanto, para cumprir a vontade de Deus, é necessário primeiro entender e conhecer essa vontade.

O problema é que depois de entender que a verdadeira satisfação está em deixar os próprios desejos para seguir a vontade de Deus, os cristãos tendem a buscar entender essa vontade de uma maneira perigosa para a sua fé. O que as pessoas acabam concluindo é que Deus tem uma vontade específica para cada pequena decisão na sua vida e, assim, a cada passo, querem que Deus lhes revele algo para poderem tomar a atitude certa. Campos Jr. (2013) afirma que o desespero e o medo por não experimentar a alegria de fazer aquilo que Deus deseja, faz com que se busque isso de maneira quase gnóstica.

É normal encontrar cristãos ansiosos, buscando entender qual o próximo passo que Deus quer que eles deem. Assim, suas orações são voltadas para entender o desejo do Senhor na sua vida pessoal, pedindo inclusive provas para Deus como forma de

revelação. O que muitos não percebem é que, ainda que Deus tenha revelado a sua vontade para diversos personagens bíblicos, e possa fazê-lo ainda hoje, essa não é uma prática incentivada na Bíblia. Bibo (2021) defende que essa conduta não é nem mesmo cristã, são os pagãos quem praticam adivinhações. Campos Jr. (2013, p. 31) enfatiza que, ao contrário de outras religiões em que o conhecimento de certas verdades são ocultas aos principiantes, no cristianismo Deus não esconde a Sua vontade dos seus fiéis: “Tudo o que precisamos para uma vida agradável a Ele foi revelado. Essa vontade não se adivinha, mas se conhece por intermédio da Palavra e se pratica”. Kunz (2020, p. 27) afirma que:

De forma diferente como no período bíblico, especificamente no Antigo Testamento, hoje temos o Espírito Santo que orienta seu povo e também a revelação completa das Escrituras, que serve de guia para os cristãos compreenderem a vontade de Deus. Nesse aspecto, é evidente que não há mais necessidades de sinais como no passado; não que Deus não possa usá-los, pois, se Ele quiser, certamente o fará.

Campos Jr. (2013) destaca que é necessário entender que existem dois tipos de vontade de Deus. A primeira é a vontade preceptiva, definida pelo autor da seguinte forma: “A palavra ‘preceptiva’ vem de preceito, ordem, norma. A vontade preceptiva diz respeito à regra de vida para as criaturas morais. Diz respeito às leis e os preceitos prescritos por Deus nas Escrituras, para nortear nossas vidas” (CAMPOS JR., 2013, p. 38).

Ou seja, a vontade preceptiva de Deus já está revelada na Bíblia e o cristão tem livre acesso a ela. Campos Jr. faz algumas importantes considerações sobre ela. Primeiramente, o cumprimento dessa vontade deve ser levado a sério pelos cristãos. Em segundo lugar, o autor aponta para o fato de que nem toda revelação é preceito, mas todo o preceito foi revelado. Em terceiro, esses preceitos devem ser os principais alvos de conhecimento do cristão, pois eles levam à santificação e, ao guardá-los na mente e coração, eles ajudam nas tomadas de decisões. Por fim,

é destacado que essa vontade de Deus nem sempre é cumprida pelas pessoas, o Senhor deseja que os seus filhos experimentem a santificação, porém ele não a determina para todos os homens (CAMPOS JR., 2013).

A outra definição de vontade divina que o autor aborda é a vontade decretiva, que “se refere aos decretos pelos quais Deus realiza a sua história, o plano que ele tem traçado para este mundo” (CAMPOS JR., 2013, p. 41). As observações que o autor faz para ela são, primeiramente, que essa vontade sempre é cumprida, pois Deus tem controle do mundo independentemente do desejo humano de submeter-se a Ele. Em segundo lugar, ele afirma que essa vontade geralmente é secreta. “Enquanto os preceitos são todos revelados, apenas uma pequena fração dos decretos nos é revelada” (CAMPOS JR., 2013, p. 44). Em terceiro, ressalta que os decretos falam muito acerca de Deus. Ele afirma que, “enquanto os preceitos do Senhor revelam seu caráter, seus decretos revelam seu poder, sua justiça, sua onisciência e seu cuidado para conosco” (CAMPOS JR., 2013, p. 44).

É claro que Deus administra toda a vida nos mínimos detalhes. Mateus 10.29-30 mostra que o Senhor conhece e tem domínio sobre todas as coisas. Deus tem planos específicos para o mundo e para a vida de seus filhos, porém apenas parte desse plano é revelado. Ainda assim o conhecimento de que a vontade soberana de Deus irá se cumprir dá segurança aos cristãos (CAMPOS JR., 2013). Vale olhar para mais uma afirmação de Campos Jr. (2013, p. 44):

Os atributos de Deus e os caminhos da sua providência são a parte da história bíblica que podemos aplicar às nossas decisões. Sinclair Ferguson escreve: ‘É o conhecimento de Deus e dos Seus caminhos que, finalmente, nos dá estabilidade na prática da Sua vontade.’ Ferguson está dizendo que o pouco que conhecemos da vontade decretiva dá-nos segurança de que o caminho da vontade preceptiva é um caminho seguro.

O autor ainda usa os termos “vontade secreta” e “vontade revelada”. A vontade secreta diz respeito aos decretos de Deus, por mais que Ele tenha revelado partes deles, ainda assim o conhecimento total pertence a Deus. Por outro lado, tudo o que Deus desejou que o ser humano conhecesse, ele revelou em Sua Palavra. Aquele que tenta saber além do que a Bíblia fala não confia que ela é suficiente para guiar sua vida (CAMPOS JR., 2013, p. 46). Em Efésios 5.17, Paulo exorta os cristãos a buscarem compreender a vontade do Senhor. Se ele ordena isso, é porque tem plena certeza de que ela está explícita para os cristãos (CAMPOS JR., 2013, p. 48).

Dessa maneira, entende-se que para compreender qual é a vontade de Deus é necessário dedicação para conhecer a revelação do Senhor, que é a sua Palavra. Kunz (2020) enfatiza que a Bíblia é um presente de Deus para os seus filhos e, pelo estudo da mesma, é possível não apenas compreender, mas também praticar a vontade de Deus. Afinal, os princípios ensinados nela dão sentido e direção à vida de todos os cristãos, despertando o desejo de obedecê-los (KUNZ, 2020). Sobre o estudo da Palavra, Modes (2020, p. 41) afirma que:

O estudo da Palavra de Deus, que é mais do que mera leitura do texto [...] corresponde a parte do ouvir a voz de Deus no relacionamento que os filhos têm com seu Pai. Antes de realizarem qualquer coisa para Deus, seus filhos deveriam preocupar-se em primeiramente ouvir a voz do Pai, que tem prazer em se comunicar e esclarecer todos os princípios para a vida plena. Há a necessidade de os cristãos buscarem a compreensão dos preceitos e promessas de Deus, não dependendo de outras pessoas dizendo: faz isso; não faz aquilo; é desse jeito.

O autor defende que cabe às igrejas darem a ênfase necessária na importância do conhecimento das Escrituras por parte de todos os cristãos. Ele destaca que muitos cristãos não fazem aquilo que é certo ou não sabem fazer por falta de conhecimento da Palavra de Deus. “Quanto maior o conhecimento, maior

a transformação” (MODES, 2020, p. 43). Kunz (2020) ainda afirma que seguir as orientações que a Palavra de Deus dá envolve prática, mas para isso é necessário estudar e meditar na Bíblia para que haja entendimento. Assim, haverá crescimento e amadurecimento. O cristão conseguirá interpretar e aplicar os ensinamentos, bem como os princípios das diferentes áreas da vida que nela são encontradas.

O estudo da Bíblia precisa ser acompanhado da prática diária da oração, pois ela é essencial para a compreensão da vontade de Deus. “O tempo de oração leva a intimidade com Deus e, quando temos intimidade, Ele revela sua vontade” (KUNZ, 2020, p. 31). Nesse tempo de oração, o cristão deve pedir para o Senhor lhe dar entendimento e sabedoria, buscando compreender a vontade de Deus e não o convencer de fazer a própria vontade (KUNZ, 2020).

A grande questão é que, ao ter tempo de oração e estudo das Escrituras, o cristão desenvolve um relacionamento e intimidade com Deus. Não é possível conhecer a vontade de alguém sem conhecer essa pessoa e passar tempo de qualidade com ela. Da mesma forma, para conhecer a vontade de Deus é necessário ter intimidade com Ele. Kunz (2020) observa que muitos cristãos buscam a vontade de Deus para satisfazer o seu coração e esse não é o foco. A busca sincera por obedecer a Deus não deve ser a busca pela realização própria, mas sim saber que os planos de Deus são maiores e melhores do que os desejos do coração humano.

Bibo (2021) argumenta que os israelitas não viam a Lei como um fardo, mas como um conjunto de boas instruções dadas por Moisés e que obedecer era a resposta que deveriam dar ao Senhor que os libertou. Em Salmos 37.4, o salmista dá a seguinte orientação: “Deleite-se no Senhor, e ele atenderá os desejos do seu coração”. Para Bibo, o centro da espiritualidade hebraica era obedecer ao mandamento de não ter outros deuses. Um israelita se deleitava somente em Deus e se alegrava nEle e em seus mandamentos. Então, “o que um coração ale-

gre no Senhor busca?”. Citando Piper, o autor dá a seguinte explicação “quanto mais nos satisfazemos em Deus e em sua justiça, menos os prazeres desse mundo serão atrativos para nós” (BIBO, 2021, p. 111).

Bibo ainda diz que o verdadeiro culto a Deus é a entrega de vida diária. Todos os dias os cristãos devem entregar-se como um sacrifício vivo, deixando a sua própria vontade para seguir a de Deus. A adoração desacompanhada de uma vida com obediência não pode ser aceita e, assim, a tendência do ser humano é seguir os padrões do mundo. “Porém, se deixarmos Deus transformar nossa maneira de pensar, todo nosso “eu” será diferente. Só assim seremos capazes de experimentar a vontade de Deus e de discernir aquilo que é bom, perfeito e agradável” (BIBO, 2021, p. 114).

MacDonald (1981) defende que a obediência a Deus é fonte de grande alegria. A referida autora defende que a obediência é o princípio orientador da vida cristã. Para ela, o cristão obediente é comprometido com o Senhor e vive sob a autoridade da Palavra de Deus, assume um compromisso total a tudo que Jesus ensinou (MACDONALD, 1981). No final de seu livro, MacDonald diz que, ao escolher a vida obediente, o cristão permite que Deus faça aquilo que deseja para sua vida, assim, ele já não mais precisa saber a vontade de Deus, pois vive continuamente nela. Ela afirma que “o cristão vive na liberdade deliciosa da obediência e se agrada dela! Nossa felicidade se torna uma manifestação poderosa da realidade de Deus no mundo” (MACDONALD, 1981, p. 83). E conclui dizendo que “nossa maior glória está em Jesus Cristo, e nós somos a maior glória dEle! Este é a alegria eterna da vida obediente” (MACDONALD, 1981, p. 84).

Piper (2008) afirma que essa mudança de mentalidade acontece na conversão. Ele destaca que é nesse momento que a pessoa encontra um novo tesouro e que durante a caminhada cristã vai provando cada vez mais seu valor. Assim,

“quando Cristo nos chama para um novo ato de obediência que nos custe algum prazer temporal, lembramo-nos do valor insuperável que é segui-lo e, pela fé no seu valor provado, esquecemos o prazer mundano. Qual é o resultado? Mais alegria!” (PIPER, 2008, p. 56-57).

O autor diz que o ser humano foi feito para glorificar a Deus ao alegrar-se nEle para sempre. O que Piper quer dizer é que não tem como glorificar de fato a Deus sem que Ele seja a principal fonte de prazer e satisfação de uma pessoa. Portanto, a busca pelo prazer cristão não coloca os desejos do ser humano acima do propósito de glorificar a Deus, mas coloca a felicidade do ser humano justamente na glória de Deus. “Não estamos meramente à procura de alegria. Queremos alegria em Deus” (PIPER, 2008, p. 257). Portanto, percebe-se que alegria, felicidade e contentamento são características que acompanham as pessoas que se dedicam a estudar, aprender e praticar a Palavra de Deus.

2. O CONTENTAMENTO DIANTE DO SOFRIMENTO

Assim como o tema alegria, o assunto sofrimento também está presente na Bíblia e muitas vezes ambos estão atrelados. Neste ponto, primeiramente serão esclarecidos alguns pensamentos que existem sobre o sofrimento e, mesmo não sendo o objetivo principal da pesquisa, será feita uma breve explicação do motivo de sua existência. Depois, será abordado como o cristão deve encarar esses momentos para conseguir ter contentamento em Deus apesar das circunstâncias.

2.1 OLHANDO PARA O SOFRIMENTO COM UMA PERSPECTIVA CORRETA

A história da humanidade cristã nem sempre é feita somente de alegria. Existe sofrimento também. A Bíblia fala muito

sobre felicidade, mas sem desconsiderar a realidade do sofrimento. É interessante notar que no Novo Testamento dificilmente o sofrimento não será mencionado com alguma bênção causada por ele, e em muitos momentos o resultado é a alegria (FERNANDO, 2009). Observa-se, então, que de acordo com a Palavra de Deus, alegria e sofrimento coexistem. Fernando (2009, p. 22) afirma “É a alegria que faz a cruz valer a pena, pois a alegria nos fortalece para suportar a cruz”.

O mal e o sofrimento têm origem no pecado.⁴ Isso não significa que se o crente sofrer é porque ele está pecando, a verdade é que o mundo é um lugar hostil por consequência da queda do homem relatada em Gênesis 3. Severa (1940, p. 197-213) afirma que o pecado original “afetou o homem em todo o seu ser e nos seus relacionamentos”, primeiramente no seu relacionamento com Deus e depois no seu relacionamento com o próximo. Keller (2015) cita também as consequências cósmicas do pecado. Ele afirma que Deus criou o mundo em perfeita harmonia. Durante a criação pode-se observar que tudo era bom. Porém, com o pecado essa harmonia perfeita e feliz é perdida, todo o mundo criado tornou-se imperfeito. “Doenças, transtornos genéticos, fome, desastres da natureza, bem como a velhice e a própria morte, resultam do pecado tanto quanto a opressão, a guerra, o crime e a violência” (KELLER, 2015, p. 202).

Contudo, diferente do que a teologia da prosperidade prega, o problema do mal e do sofrimento não desaparece da vida do cristão logo após a sua conversão e só retorna a aparecer quando este cair em pecado. Pieratt (1993) responde a esse ponto de vista afirmando que a origem do sofrimento não está nos pecados individuais de cada cristão, e sim na escolha pelo pecado original feito no Éden. Foi ele quem transformou o mundo perfeito criado por Deus em um mundo amaldiçoado e decaído. Com a redenção dos pecados e a salvação que é oferecida por

4 A presente pesquisa não aborda a temática do sofrimento a partir do pecado. Para melhor compreensão, sugere-se a leitura de livros de Teologia Sistemática.

Deus por meio de Jesus Cristo, ele ajuda os seus filhos a passarem por toda dificuldade, até que tudo seja restaurado na plenitude da redenção (PIERATT, 1993).

Um dos argumentos usados pelos ateus para tentar provar a inexistência de Deus é dizer que se realmente existisse um Deus poderoso e bondoso, Ele não permitiria tanto sofrimento, injustiça e maldade no mundo. Keller (2015) mostra que esse argumento não é válido, não é só porque a mente humana não consegue ver uma razão para o sofrimento que essa razão não existe.

Se você tem um Deus grande e transcendente do qual se ressentir porque ele não impede o mal e o sofrimento no mundo, então também tem (no mesmo momento) um Deus grande e transcendente o bastante para encontrar bons motivos, que você desconhece, para permitir que o mal e o sofrimento continuem a existir. Com efeito, não dá para negar ambas as coisas (KELLER, 2015, p. 52).

O autor afirma que a dor não é prova contra Deus e que não adianta as pessoas pensarem que, deixando a crença em Deus, conseguirão suportar melhor os momentos de dificuldade. A verdade é que, mesmo não dando os motivos para as experiências dolorosas, o cristianismo oferece recursos para se passar por elas com consolo e esperança ao invés de amargura e desespero. E isso acontece porque o próprio Deus conhece o sofrimento. Nenhuma outra religião no mundo afirma que Deus se fez carne e habitou entre os seres humanos, levando sobre si os seus pecados e experimentando o mais cruel sofrimento, sentindo dor, desespero, humilhação, morte e a separação do Deus Pai (KELLER, 2015).

Jesus levou o sofrimento que pertencia ao ser humano sobre si para um dia poder limpar completamente o mundo do mal e da injustiça sem precisar eliminar a humanidade por completo. Para os seus seguidores ele deixou a esperança de que um dia haverá ressurreição e uma nova vida com Deus que não apenas reparará a realidade da dor, mas que promete uma glória e ale-

gria futura maior do que se pode imaginar (KELLER, 2015). O sofrimento existe e não é sinônimo de um deus ruim, nem mesmo de um pecado individual, como se vê em teologias modernas. Porém, a maneira como o cristão lida com ele mostrará sua confiança e fé no Senhor. Os momentos de dificuldade e tribulações são realmente complicados. O ser humano sofre e sente dor, tem medo e fica angustiado, e é anormal a indiferença a isso, mas um filho de Deus não deve deixar seu coração se perturbar diante dessas situações. As aflições devem mostrar que o cristão tem plena confiança na soberania de seu Deus (WILSON, 2018).

Sem a noção disso, tudo o que uma pessoa pode fazer é focar apenas no sofrimento, prologando ainda mais essa fase sem conseguir seguir em frente e passar pela dificuldade. O sofrimento descontente, como denomina Wilson (2018), faz com que a pessoa permaneça ferida, fazendo do sofrimento seu destino final, sempre questionando, discordando, discutindo e se irando ou entristecendo com Deus, culpando-o pelos próprios problemas e até mesmo deixando a inveja por outras pessoas tomar conta do seu coração (WILSON, 2018).

Já aquele que consegue encontrar contentamento em Deus, mesmo em meio ao sofrimento, é capaz de recorrer ao Senhor em busca de consolo e cura, confiando em seu infinito amor e bondade. Consegue sentir gratidão mesmo durante a dificuldade e procura honrar e glorificar a Deus. Wilson (2018) chama isso de sofrimento piedoso, quando ao invés de culpar a Deus, o cristão olha para si mesmo tentando ver a própria responsabilidade diante daquela situação e procura manter-se no caminho correto sem se deixar desanimar. Em meio a esses momentos difíceis, é necessário olhar para o Senhor.

2.1 ENFRENTANDO O SOFRIMENTO COM ALEGRIA E CONFIANÇA EM DEUS

Wilson (2018) argumenta que Jesus é um exemplo perfeito de contentamento. Em Mateus 26 está relatado o episódio em que, antes da sua prisão e crucificação, Jesus vai ao Getsêmani com seus discípulos, levando Pedro, Tiago e João, mais próximos dele, para orar. O texto a partir do verso 37 diz o seguinte:

Levando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a angustiar-se. Disse-lhes então: “A minha alma está profundamente triste, numa tristeza mortal. Fiquem aqui e vigiem comigo.” Indo um pouco mais adiante, prostrou-se com o rosto em terra e orou: “Meu Pai, se for possível, afasta de mim este cálice; contudo, não seja como eu quero, mas sim, como tu queres” (Mt 26.37-39).

O texto continua dizendo que, quando voltou para os seus discípulos, Jesus se encontrou desamparado ao deparar-se com eles dormindo. Ele repete, então, sua oração mais três vezes, até chegar o momento em que é preso e levado a julgamento. Com esse texto, pode-se perceber que a tristeza e a angústia fazem parte da vida e não são contraditórias ao contentamento. Jesus clamou a Deus pedindo que o livrasse, mas concluiu declarando que fosse feita a vontade do Pai. Depois disso é possível ver que Jesus teve controle de si mesmo e da situação. Ao ser preso, nem mesmo respondeu às calúnias, e foi até a cruz determinado a cumprir aquilo que precisava fazer (WILSON, 2018). Hebreus 12.2b diz: “O qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus”. Citando esse texto, Wilson (2018, p. 22) diz que “Jesus manteve Seus olhos fixos no dever dado pelo Pai, mesmo odiando a ignomínia. Ele encontrou contentamento na pior circunstância de toda a história da humanidade. Ele não esperou até sentir a vontade de obedecer”.

Outro exemplo das Escrituras que se pode observar é o apóstolo Paulo. Para ele, o cristianismo não era sinônimo de uma vida boa e tranquila, mas de sofrimento escolhido livremente. É claro que ele havia encontrado a alegria verdadeira, todavia ela estava ancorada na esperança da ressurreição e não em tranquilidade terrena. Em sua carta aos Romanos (5.3-5), Paulo afirma que se alegrar na tribulação produz perseverança, que leva ao caráter aprovado e, por fim, a uma esperança que não decepciona. Piper (2008, p. 217) explica que “existe alegria na aflição. Mas a alegria vem por causa da esperança que a própria aflição ajuda criar e aumentar. Por isso, se não existe esperança, Paulo é tolo em abraçar essa aflição, e ainda mais tolo ao alegrar-se nela. Porém, existe esperança”. E como o texto bíblico afirma, essa esperança não decepcionará aqueles que se apegarem a ela.

Para Piper (2008), todo sofrimento ameaça a fé do cristão na bondade de Deus. Seja ele causado por perseguições, doenças ou acidentes. Porém, todo aquele que persevera em obediência a Deus dá testemunho da bondade de Deus, independente de qual seja o “inimigo” enfrentado, uma doença, um pecado ou o que for. Ele diz que todo sofrimento passado durante a caminhada é suportado “com Cristo” e “por Cristo” (PIPER, 2008, p. 218).

Com ele no sentido de que o sofrimento vem ao nosso encontro enquanto andamos com ele pela fé, e no sentido de que é suportado na força que ele supre [...] Por ele no sentido de que o sofrimento testa e prova nossa lealdade à sua bondade e poder, e no sentido de que revela seu valor como compensação e prêmio todo-suficiente (PIPER, 2008, p. 218).

Afirmar que o chamado de Jesus é um chamado para o sofrimento pode parecer pesado. Mas não se pode achar que isso significa que Ele tem prazer no sofrimento. Pelo contrário, apenas significa que é pelo sofrimento que o cristão será moldado. MacArthur Jr. (1996) ressalta que mesmo não entendendo a razão pela qual sofre, todo cristão pode descansar na certeza de

que Deus lhe entende e ampara. Deus é soberano sobre todas as coisas, mas nem sempre suas ações são previsíveis para o ser humano. Deus é livre para agir como desejar e não precisa seguir padrão algum nas situações. “E assim que, como parte de seu plano, Deus soberanamente decide permitir que vários cristãos sofram, sob diferentes circunstâncias, com resultados diversos” (MACARTHUR Jr., 1996, p. 23).

É claro que ninguém se sente grato pelas tragédias em si, mas todos que passam pelos momentos difíceis, confiando em Deus e buscando contentar-se nEle, são capazes de reconhecer as muitas lições que receberam durante o processo. Keller (2015) aponta para o fato de que, com o tempo, todos conseguem enxergar as razões ou os resultados de pelo menos parte das tragédias que lhe ocorreram durante a vida. Sendo assim, como não ter a certeza de que Deus, em Sua soberania, sabe os motivos exatos para cada uma das tribulações? (KELLER, 2015)⁵.

Nesse sentido, MacArthur (1996) menciona que em meio ao sofrimento as emoções humanas podem anular a fé do cristão por Deus. Por isso, o sentimento que lhe invade é de incerteza quanto à presença de Deus e seu cuidado. Porém, aquele que busca confiar no Senhor, e depender dEle, consegue conhecer ainda mais de Deus e encontrar maior alegria nEle. O autor defende que o sofrimento pode produzir alguns resultados positivos na vida do cristão, como uma nova alegria, a esperança na glória futura, um consolo real da parte de Deus, maior sabedoria e gera a verdadeira humildade (MACARTHUR Jr., 1996). Sobre a nova alegria, ele afirma que:

A verdadeira alegria não vem facilmente nem é uma emoção fugaz e superficial. [...] Os cristãos que lutam em meio às circunstâncias negativas da vida, debatendo-se de que a genuína alegria que os aguarda provém da confiança de que suas vidas estão escondidas com Cristo em Deus. Na providência divina, essa alegria e certeza po-

5 Veja 1Pd 2.20-21.

dem ser mais fortes em tempos de sofrimento (MACARTHUR Jr., 1996, p. 117).

É claro que é sempre difícil para o cristão passar por momentos de sofrimento e manter-se confiante em Deus com a mente e o coração na direção certa, mesmo com a consciência da soberania de Deus e com as promessas de lições aprendidas e dos ganhos de galardões. Mas ao olhar para 2 Coríntios 5.7, que diz “Porque andamos por fé, e não por vista”, o crente pode confiar que o cuidado de Deus é real e não se trata apenas de teoria. “Os propósitos de Deus nem sempre são notórios no início de uma provação, mas isto não nos impede de manter os nossos olhos em Jesus” (MACARTHUR Jr., 1996, p. 128).

Elisabeth Elliot (1926-2015) foi uma das mulheres cristãs mais influentes de seu tempo e é um exemplo de perseverança em meio ao sofrimento. Ela perdeu seu primeiro marido, Jim Elliot, em 1956, assassinado pelos índios aucas que ele e outros missionários tentavam alcançar para Jesus. Elisabeth se viu sozinha e desamparada após apenas três anos de casamento. Mas encontrou forças para voltar à vida missionária e voltou para pregar para aqueles que haviam tirado a vida de seu marido (PIPER, 2019).

Depois que voltou para seu país, Elisabeth dedicou-se a dar palestra e publicar livros. Casou-se pela segunda vez e novamente ficou viúva depois de quatro anos (PIPER, 2019). Ela ainda relatou várias histórias tristes que presenciou durante sua vida (ELLIOT, 2020). Mesmo em meio a tanto sofrimento, encontrou forças para declarar que foi nos momentos de dor em que mais tirou lições significativas para sua vida, que Deus é amoroso e tem um propósito para todas as coisas e, ainda, que o “sofrimento nunca é em vão” (ELLIOT, 2020, p. 16). Ela afirma: “Trago a Deus minhas tristezas e ele me dá sua alegria. Trago-lhe minhas perdas e ele me dá seu ganho. Trago-lhe meus pecados e ele me dá sua vida. Mas a única razão pela qual ele pode me dar sua vida é porque me deu sua morte” (ELLIOT, 2020, p. 117).

É também interessante notar o que aqueles que a conheciam relatam sobre sua vida:

Elisabeth Elliot sabia que a maturidade, a alegria e o contentamento verdadeiros têm pouco a ver com um estudo mecânico do plano de Deus, e mais com ser impelida às vezes, até mesmo arrastada até o seio do seu Salvador. [...] Nós somos revigoradas pelo modo de Elisabeth viver a vida cristã, sem conversa fiada e com a disposição de morrer por Cristo. Ela nos fez ver que estamos num ferrenho campo de batalha, no qual as forças mais poderosas do universo se reúnem para pelejar. E, com muita alegria, erguemo-nos e passamos a aceitar o desafio, totalmente energizadas pela visão exaltada que essa mulher notável tinha em relação à igreja (ELLIOT, 2020, p. 6).

Elisabeth é realmente um exemplo para os cristãos de alguém que teve paciência e perseverou durante o sofrimento. Ela conseguiu demonstrar o amor de Deus mesmo àqueles que um dia lhe fizeram mal e afirma que se o cristão aprender a reconhecer a Deus mesmo em meio a sua dor, ele não o olhará mais como alguém distante que não se compadece, mas, sim, como alguém que caminhou pela estrada e o conhece por completo (ELLIOT, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta pesquisa, é possível perceber a importância de estudar o tema. A busca pela satisfação é algo natural do ser humano, pois compreende uma necessidade real de todas as pessoas. Na Bíblia existem muitos versículos que abordam o assunto, mostrando que Deus espera que seus filhos sejam alegres. Porém, existe uma visão distorcida a respeito desse tema que impossibilita as pessoas de entenderem os motivos dos seus sofrimentos e, consequentemente, as limita na forma de lidar com seus problemas.

Por isso, nesta pesquisa, foi abordado sobre o que é ser feliz em Jesus e também como ser contente mesmo em meio às dificuldades. A busca pela felicidade não é um pecado, e a Bíblia mostra que ela faz parte dos planos de Deus para seus filhos. Porém, ao conhecer Jesus, o cristão entende que a verdadeira satisfação não está no cumprimento dos desejos do próprio coração, mas em fazer a vontade de Deus, que é perfeita e está revelada em sua Palavra. Dessa forma, a pessoa pode cumprir o propósito de Deus para sua vida, que é o de glorificar a Ele.

Quanto ao sofrimento, é necessário entender que ele é real na vida de todas as pessoas, inclusive dos cristãos, e existe por causa do mundo caído no pecado. Porém, os filhos de Deus podem encará-lo de uma maneira diferente, como algo pedagógico e com um propósito. Deus sabe o que é sofrimento a partir da cruz, ou seja, de forma prática, logo seus filhos não podem viver uma teologia da cruz sob o espectro contemplativo, mas igualmente a partir da experiência sofridora. Os cristãos podem confiar que Deus lhes dará forças para suportar as tribulações e, assim, conseguirão lidar com elas com contentamento e esperança em Deus. Portanto, nossa atitude diante do sofrimento deve ser de manter o foco na cruz de Jesus e então os cristãos terão suas provações transformadas para ensinamentos que talvez em situações normais nunca teriam conhecido o Deus abscondido.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. **Nova versão internacional**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

BIBO, Rodrigo. **O Deus que destrói sonhos**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.

CAMPOS JR., Heber. **Tomando decisões segundo a vontade de Deus**. São Paulo: Fiel, 2013.

ELLIOT, Elisabeth. **O sofrimento nunca é em vão**. São José dos Campos: Fiel, 2020.

FERNANDO, Ajith. **Chamados para dor e alegria**: o valor do sofrimento para a vida cristã. São Paulo: Vida Nova, 2009.

HORTON, Michael Scott. **Simplemente crente**: por uma vida cristã comum. São Paulo: Abba Press, 2003.

KELLER, Timothy. **A fé na era do ceticismo**: como a razão explica Deus. São Paulo: Vida Nova: 2015.

KELLER, Timothy. **Deuses falsos**: as promessas vazias do dinheiro, sexo e poder, e a única esperança que realmente importa. São Paulo: Vida Nova, 2018.

KUNZ, Claiton André (org.). **Vida cristã com excelência**: uma jornada rumo à maturidade. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2020.

KUNZ, Marivete Zanoni. Busque a vontade de Deus. *In*: KUNZ, Claiton André (org.). **Vida cristã com excelência**: uma jornada rumo à maturidade. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2020.

MACARTHUR Jr., John. **O poder do sofrimento**: o propósito das provações na vida do crente. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

MACDONALD, Hope. **A alegria de obedecer**. São Paulo: Mundo Cristão, 1981.

MODES, Josemar Valdir. Viva intimamente com Deus. *In*: KUNZ, Claiton André (org.). **Vida cristã com excelência**: uma jornada rumo à maturidade. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2020

PIERATT, Alan B. **O Evangelho da prosperidade**. São Paulo: Vida Nova, 1993.

PIPER, John. **Em busca de Deus**: a plenitude da alegria cristã. 2. ed. São Paulo: Shedd, 2008.

PIPER, John. **Plena satisfação em Deus**: Deus glorificado e a alma satisfeita. São José dos Campos: Fiel, 2009.

PIPER, John. **Pêssegos no Paraíso**: porque eu amei Elisabeth Elliot. 2019. Disponível em: <https://voltemosaoevangelho.com/blog/2019/06/pessegos-no-paraíso-por-que-eu-amei-elisabeth-elliott/>. Acesso em: 28 jun. 2022.

SEVERA, Zacarias de Aguiar. **Manual de teologia sistemática**. Curitiba: A.D. Santos, 1940.

WILSON, Nancy. **Contentamento**: um estudo para mulheres de todas as idades. São Paulo: Trinitas, 2018.